

O NOSSO FUTURO

(DJALMA PAIVA)

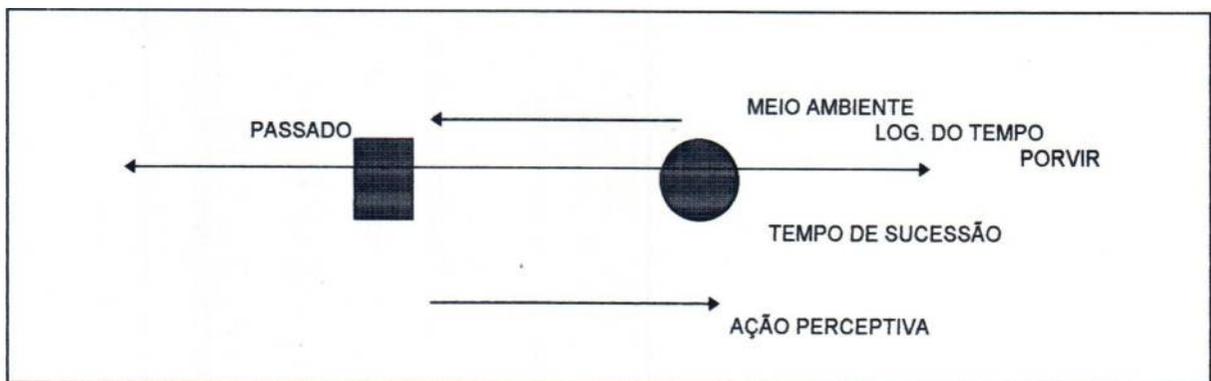
Todos falam de futuro, o país é o país do futuro; mas nem todos podem dedicar-se ou mesmo ponderar sobre o seu, apesar do interesse pelo futuro ser uma característica que se acentua na proporção do desenvolvimento da sociedade tecnológica; ou melhor dito, a percepção do futuro é um critério de desenvolvimento da sociedade em que vivemos, isto é, do sistema de vida que ela representa. É um critério no sentido de qualquer que seja a forma pela qual medirmos, esse desenvolvimento apresentar-se-á numa elevada correlação com o mecanismo de percepção do futuro, e tal fato nos revelam testes psicológicos. Além disso, a percepção do futuro ("meu futuro") "o amanhã, qual será o amanhã?" é muito reduzida nas sociedades "primitivas".

A sociedade moderna surge, então, como uma sociedade de *construtores do tempo* (Hescl), isto é, aqueles que participam dos planos de desenvolvimento do país, medem e constroem *estados sucessivos do tempo*, seu tempo, o que lhe resta de vida útil, estados cujo aspecto mais importante reside, sem dúvida alguma no poder de criação, no desenvolvimento técnico.

Em outras palavras, as etapas do desenvolvimento de uma pessoa vão se transformando numa dimensão percebida intuitivamente. O homem tradicional reage em função de sua própria imagem em relação com o real do meio ambiente. O indivíduo situado no ambiente, arquétipo do fenômeno psicológico, é finalmente, um mecanismo de relações entre a função de DEVE SER (como eu gostaria de ser) e a função de SER, o que está a minha volta é que me determina, cria meu impulso criador de outra etapa da vida.

Se a imagem do indivíduo for excessivamente diferente, ou algo que ele tinha latente, diferente do que ele é, levá-lo-á a entrar em ação. O HOMEM MODERNO - e nisso é que ele é moderno, atualizado e atuante, age também e sobretudo em função de uma *imagem*, não só do que é em relação ao ambiente, mas *do que será* em relação a um ambiente futuro.

No esquema abaixo, colocaremos sobre o eixo dos tempos, um indivíduo *aqui e agora*, o indivíduo criador cujas ações, embora feitas agora, decorrem no "futuro", e colocaremos em abcissas o logaritmo do tempo.



Em nossa civilização ocidental, essa imagem do tempo está inscrita em nós como uma espécie de fluxo permanente. O comportamento do homem das sociedades "primitivas" ou em desenvolvimento, ao contrário, é claramente determinado pela soma: passado X meio ambiente.

O homem da civilização ocidental é determinado por certa imagem do futuro situada dentro de certo prazo. Essa imagem envia-lhe mensagens, mensagens do futuro

que têm força (pregnâncias do futuro) para determinar a soma de suas ações, as quais comportam, portanto, as reações provenientes DO QUE É e as provenientes DO QUE PODERÁ SER.

Concentremo-nos neste estímulo muito particular - A IMAGEM DO FUTURO - que é preciso atuar dentro desse espaço tempo, isto é, dentro de um perspectivismo, e suponhamos a título de simples imagem heurística, uma visão do futuro como um diorama. Todos conhecem esse jogo que comporta planos sucessivos espaçados, recortados em papelão, colocados em distâncias que se afastam progressivamente do ponto I do esquema, onde se põe imagens em evidência mediante testes psicológicos. Isto significa que nós quantificaremos o futuro num certo número de planos do diorama, ao invés de adotarmos uma espécie de continuidade. A idéia de continuidade nos escapa, aliás a vida criativa dá saltos, que podemos chamar porções. Observamos a existência dessas porções nos estudos sobre o futuro, ao fazermos estatísticas sobre os prazos médios que os indivíduos se propõem em sua linguagem, sonhos e projetos.

Encontramos em geral, de quatro a cinco pedaços; o pedaço da espessura do presente, que em escala industrial, seria de um ou dois anos. O PRESENTE NÃO É A FRONTEIRA ENTRE O PASSADO E O PORVIR, como conceberiam os matemáticos, mas um pedaço espesso: o ano de trabalho, em vez de lazer, isto é o pedaço que separa dois grandes períodos de férias, eis a definição psicológica do presente. Outras porções vão se desenvolver em seguida, numa progressão geométrica de razão de dois, de quatro ou cinco anos. Como exemplo destes últimos temos a teoria dos "Planos" quadrienais ou quinquenais em moda no país, nos projetos do Estado; aí temos em seguida o plano que vem depois do plano, as consequências do plano, e de bom grado perguntamos - quando todo o conjunto dos planos tiver dado resultado - quando eu estiver aposentado? **Eu estou fora do jogo.**